

## DISCIPLINA E MULTIRREPETÊNCIA EM UM 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

GABRIELA AMARAL LEAL<sup>1</sup>; PATRÍCIA PEREIRA CAVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – gaby\_leal26@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – patriacavapereira@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é apresentar em forma de relato as experiências vividas durante o estágio nos anos iniciais, no Curso de Pedagogia, principalmente com relação à indisciplina e à realidade de uma turma multirrepetente. Nessa turma, de 29 alunos matriculados, pelo que me foi apresentado, estavam presentes uma aluna com deficiência intelectual, um aluno com Síndrome de Asperger<sup>1</sup>, dois alunos ditos agitados e agressivos que precisavam de medicamento (e não estavam tomando). A faixa etária da turma variava entre 8 e 19 anos de idade.

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e da social — alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os seus sentidos. Esses alunos são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são rotulados como mal nascidos e com hábitos que fogem ao protótipo da educação formal. As soluções sugeridas para se reverter esse quadro parecem repristar as mesmas medidas que o criaram. Em outras palavras, pretende-se resolver a situação a partir de ações que não recorrem a outros meios, que não buscam novas saídas e que não vão a fundo às causas geradoras do fracasso escolar. Esse fracasso continua sendo do aluno, pois a escola reluta em admiti-lo como sendo seu. (MANTOAN, 2003, p.17)

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma reflexão realizada por meio de relatórios diários acerca das experiências vivenciadas em nossa prática docente no decorrer de três meses de estágio realizado em uma escola pública de ensino regular na cidade de Pelotas.

As primeiras semanas de estágio foram bem estressantes, não havia

---

<sup>1</sup> A Síndrome de Asperger pertence ao espectro autista, considerado o lado leve do espectro. Esta síndrome é classificada como pertencente ao “continuum autista”, com a descrição dos prejuízos específicos nas áreas da comunicação, imaginação e socialização. (TAMANHA *et. alli.*, 2008)

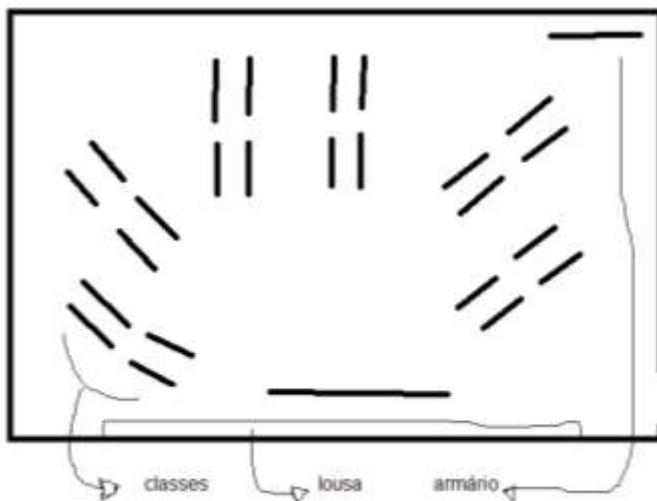
harmonia no dia-a-dia escolar quanto menos respeito entre aluno e professora, o que dificultava e muito o acesso aos alunos, no sentido de investigar seus conhecimentos prévios, interesses, dificuldades, facilidades e de despertar um real envolvimento destes nas aulas. Era praticamente impossível desenvolver quaisquer atividades com a turma, era notável que alguns alunos se sentiam incomodados com a substituição da professora titular pela estagiária (até mesmo em função de receberem várias estagiárias que assumiam a turma por uma semana apenas e quando souberam que desta vez seria por três meses, realmente ficaram ainda mais incomodados) é compreensível esse comportamento “revoltante” dos alunos com relação ao estágio, pois ele não deixa de ser uma invasão na rotina destes alunos gerando uma mudança brusca e sem seus consentimentos.

Com tudo isto em mente, pensava que antes de tudo, era necessário buscar uma relação respeitosa com a turma, cativando e envolvendo os alunos nesse processo de forma que sentissem que realmente faziam parte dele, que fosse um período significativo e construtivo para ambas as partes e não somente um evento de três meses indiferente.

Enfim, o primeiro passo para um possível avanço na desenvoltura das aulas foi o de reorganização da configuração de sala. Minha maior preocupação no momento era de potencializar os conhecimentos prévios dos alunos e motivá-los a progredir em seus processos formativos. Tendo tudo isto em vista, imaginei que seria interessante dividir a turma em grupos de acordo com os níveis de escrita de cada um, pois dessa forma seria viável um acompanhamento do desenvolvimento de cada aluno com um olhar mais atento, além de que, os grupos permitem uma interação e troca de conhecimento entre eles.

É na discussão com os colegas que a criança exercita sua opinião, sua fala, seu silêncio, defendendo seu ponto de vista. O trabalho em grupo, portanto, estimula o desenvolvimento do respeito pelas idéias de todos, a valorização e discussão do raciocínio; dar soluções e apresentar questionamentos, não favorecendo apenas a troca de experiência, de informações, mas criando situações que favorecem o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos, possibilitando aprendizagem significativa. A relação com o outro, portanto, permite um avanço maior na organização do pensamento do que se cada indivíduo estivesse só. (TEIXEIRA, 1999, p. 26)

Então surgiu a nova configuração de sala:



Além dessa nova disposição de sala, propus algumas dinâmicas com a turma em função da indisciplina, que até então era marco característico deste 3º ano: exercícios desenvolvendo a atenção e o silêncio, assim como algumas formas de competição.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De primeira instância os alunos relutaram um pouco, mas quando apresentei a proposta da competição de desempenho e comportamento, se animaram, pois o instinto de competitividade sempre foi muito presente nessa turma, também era visto como uma característica marcante. A partir deste dia, já foi perceptível uma melhora significativa na relação aluno/professora e inclusive da turma em geral, principalmente no sentido de demonstrarem um comportamento mais respeitoso e mais acessível.

Segundo Anete Abramowicz (1995), existem duas importantes vertentes de análise sobre a repetência escolar das crianças das classes populares. Em uma destas o fracasso é diagnosticado como negatividade, por déficits de inteligência, afeto, cultura, nutrição ou condição financeira. Já a outra vertente, as crianças são fracassadas, mas como “vítimas” de uma desordem capitalista, em que a escola estaria cumprindo sua função na reprodução da desigualdade social, excluindo e discriminando essas crianças.

No caso desta turma, os alunos já assumiram o rótulo de “piores alunos” e essa anuência da turma com relação a este rótulo me inquietava profundamente. Era como se eles aceitassem que aquela turma estava fadada ao fracasso e não tinha o que pudesse ser feito a respeito.

Com tudo isto em vista, detive-me em trabalhar a autoestima destes alunos com a finalidade de elevá-la. A cada aula, eu procurava valorizar e elogiar todo acerto e/ou esforço de cada aluno, no intuito de fazer com que eles próprios reconhecessem seus esforços e conquistas assim como eu reconhecia.

#### 4. CONCLUSÕES

Felizmente, posso afirmar que, apesar de um curto tempo de três meses de estágio, consegui fazer parte de um processo construtivo bem significativo para minha formação como futura docente. Inicialmente, confesso ter sentido certo receio sobre como enfrentaria uma sala de aula sozinha, foi um processo desafiador, mas percebi que pouco a pouco estava conseguindo avançar de fato com a turma, como era o esperado, pois já estavam mais participativos de forma a não se importar mais com os possíveis deboches acerca dos conhecimentos prévios de cada um, (deboches esses que diminuíram significativamente). Os alunos estavam mais envolvidos nas atividades propostas, claro, não era sempre, mas já era um salto e tanto tendo em vista o início do estágio, que ao propor algo era comum os alunos jogarem o material no chão, rasgar folha impressa ou do próprio caderno, se negando a realizar quaisquer atividade e dizendo “quero ver tu me obrigar.. tu não é minha mãe”. Eu já havia conquistado o respeito deles e sempre fazia questão em elogiá-los a partir de um acerto, uma tentativa, um mínimo avanço para deixá-los cientes de suas conquistas e motivá-los a buscar sempre mais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. **A menina repetente**. Campinas, SP: Papirus, 1995 – Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

TAMANHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasilia Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Ver. Soc. Bras. Fonoaudiol. 2008.

TEIXEIRA, Cícera F. **Compreensão, criação e resolução de problemas de estrutura multiplicativa**: uma seqüência didática com problemas “abertos”. Monografia. Recife: UFPE / Curso de especialização em ensino de pré a 4ª série.1999.